



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

JHONY EDSON DE S. ANDRADE

E AGORA, JOSÉ ?:
**UM CURTA DOCUMENTÁRIO SOBRE AS REFLEXÕES DA MASCULINIDADE
COM CONDENADOS DE AGRESSÃO DOMÉSTICA**

**JOÃO PESSOA – PB
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

JHONY EDSON DE S. ANDRADE

E AGORA, JOSÉ ?:
UM CURTA DOCUMENTÁRIO SOBRE AS REFLEXÕES DA MASCULINIDADE
COM CONDENADOS DE AGRESSÃO DOMÉSTICA

Relatório que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, sob a orientação da Professora Doutora Isabella Chianca Bessa Ribeiro Valle.

JOÃO PESSOA – PB
2019

JHONY EDSON DE S. ANDRADE

E AGORA, JOSÉ ?:
**UM CURTA DOCUMENTÁRIO SOBRE AS REFLEXÕES DA MASCULINIDADE
COM CONDENADOS DE AGRESSÃO DOMÉSTICA**

Relatório que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, sob a orientação da Professora Doutora Isabella Chianca Bessa Ribeiro Valle.

João Pessoa, _____ de _____ de 2019.

Professora Isabella Chianca Bessa Ribeiro Valle, Dra.
Presidente da Banca – Orientadora

Professor Alan Mangabeira Mascarenhas, Dr.
Membro

Professora Agda Patrícia Pontes de Aquino, Me.
Membro

JOÃO PESSOA – PB
2019

Poema: “José”

E agora, José? A festa acabou, a
luz apagou, o povo sumiu, a noite
esfriou, e agora, José? e agora,
José? você que é sem nome, que
zomba dos outros, você que faz
versos, que ama, protesta? e
agora, José?

Está sem mulher, está sem
discurso, está sem carinho, já não
pode beber, já não pode fumar,
cuspir já não pode, a noite
esfriou, o dia não veio, o bonde
não veio, o riso não veio, não veio
a utopia e tudo acabou e tudo
fugiu e tudo mofou, e agora,
José?

E agora, José? Sua doce palavra,
seu instante de febre, sua gula e
jejum, sua biblioteca, sua lavra de
ouro, seu terno de vidro, sua
incoerência, seu ódio – e agora?
Com a chave na mão quer abrir a
porta, não existe porta; quer
morrer no mar, mas o mar secou;
quer ir para Minas, Minas não há
mais. José, e agora?

Se você gritasse, se você
gemesse, se você tocasse a valsa
vienense, se você dormisse, se
você cansasse, se você
morresse... Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro qual bicho-do-
mato, sem teogonia, sem parede
nua para se encostar, sem cavalo
preto que fuja a galope, você
marcha, José! José, para onde?

(Carlos Drummond de Andrade, 1942)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Selma e Edson, por nunca terem duvidado das minhas escolhas, mesmo quando eu desisti de dois cursos e parei sem rumo por algum tempo. Sem o apoio incondicional de vocês eu não estaria me graduando neste momento, amo vocês. Agradeço também a minha irmã, talvez ela não saiba, mas ela é um dos meus pilares e exemplos de força e perseverança.

Agradeço aos meus amigos e amigas que por toda essa jornada e principalmente antes dela, estiveram e estão sempre comigo. Obrigado Dereck, Pablo, Rennan, Natália, Alany, por serem meus amigos e fazerem de mim quem eu sou e por terem suportado e apoiado todas as minhas escolhas sem duvidar de mim. Obrigado Dan, Allan, Duda e Bruna, por serem meus “jovens titãs” e amigos que levarei da academia para a vida. Obrigado Rayana por ser a minha mentora, amiga, conselheira, orientadora, amo você. Obrigado Wlad por sempre dizer sim para as minhas chamadas, minhas “viagens” audiovisuais, obrigado companheiro de filmagem, por ter esse coração gigante. E eu não poderia deixar de agradecer à minha grande amiga Malu, que dividiu seu curso comigo e me fez companheiro de curso mesmo não sendo dele, sem você em um determinado momento (você sabe qual) eu não estaria aqui, hoje e agora.

Agradeço a todas as delegadas e promotoras que me ajudaram e me guiaram para eu conseguir desenvolver o meu documentário, vocês são grandes exemplos de mulheres fortes e guerreiras, admiro demais vocês.

Agradeço também ao diretor do presídio do Roger, que é chamado de “Selva” pelos seus companheiros de trabalho, você foi como um pai pra mim nesse desenvolvimento, sem o seu apoio eu não teria conseguido.

E mais do que nunca, agradeço a minha orientadora, Bella, que pegou a minha ideia, e disse: “vamos melhorar isso aí, eu te ajudo”. Te admiro demais e obrigado por ter me apoiado tanto e nunca ter duvidado de mim, você conseguiu tirar o melhor de mim quando eu não acreditava que iria conseguir.

RESUMO

Este relatório se refere à elaboração do curta-metragem documental intitulado *E agora, José ?* com duração de 12 minutos e 3 segundos, que tem como objetivo refletir sobre a reprodução de masculinidades violentas por intermédio de relatos de homens julgados e condenados por agressão doméstica pela Lei Maria da Penha, antes e depois de passarem por grupos reflexivos de ressocialização na Paraíba. A partir disso, o presente trabalho visa a ser mais uma ferramenta de análise nas discussões sobre a crise identitária das masculinidades e dos malefícios da sociedade patriarcal, através da realização audiovisual. Logo, por meio do filme deste relatório, observa-se a importância de discutir as relações de gênero e a reconstrução das subjetividades masculinas.

Palavras-chave: Masculinidades. Questões de Gênero. Homens agressores. Lei Maria da Penha. Violência Doméstica.

ABSTRACT

This report refers to the writing of the documentary short film *E agora, José ?* lasting 12 minutes and 3 seconds, which aims to reflect on the reproduction of violent masculinities through reports of men tried and convicted of domestic aggression by the Maria da Penha Law, before and after going through reflective resocialization groups in Paraíba. From this, the present work aims to be another analysis tool in the discussions about the identity crisis of the masculinities and harms of patriarchal society, through the audiovisual realization. Therefore, through the film of this report, it is noted the importance of discussing gender relations and the reconstruction of male subjectivities.

Keywords: Masculinities. Gender issues. Aggressive men. Maria da Penha Law. Domestic violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 QUESTÕES DE GÊNERO	14
2.1 CONCEITOS E ABORDAGENS SOBRE GÊNERO	14
2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA CONCEPÇÃO DAS MASCULINIDADES.....	17
2.3 O LUGAR DE FALA NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO.....	19
3 DOCUMENTÁRIO	21
3.1 COMPREENDENDO A ESTRUTURA DE UM DOCUMENTÁRIO	21
4 E AGORA, JOSÉ?	23
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	23
4.1.1 <i>Da temática à ideia elaborada</i>	23
4.1.2 <i>Equipamentos e recursos necessários</i>	24
4.2 PRODUÇÃO	26
4.3 PÓS-PRODUÇÃO	31
4.3.1 <i>Roteiro</i>	31
4.3.2 <i>Edição</i>	32
4.3.3 <i>Finalização</i>	32
5 PALAVRAS FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
REFERÊNCIAS FÍLMICAS	37

1 INTRODUÇÃO

“A escolha do meu objeto de estudo é, portanto, ao mesmo tempo política e teórica.”
Guacira Lopes Louro

“Desconstruir não significa destruir”, como lembra Barbara Johnson (1981), citada por Louro (2004, p. 43) mas “está muito mais perto do significado original da palavra análise, que, etimologicamente, significa desfazer.”

Na tentativa de contribuir com o debate sobre a desconstrução das masculinidades tóxicas, no qual o combate à violência doméstica e de gênero estão inseridos, o curta documentário *E agora, José ?*, bem como, o relatório relativo à sua produção foi elaborado em consonância com a proposta de implementação dos grupos reflexivos para presidiários condenados via Lei Maria da Penha (Lei número 11.340/2006). O filme, cujo o título faz referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade e tem duração de 12 minutos e 3 segundos, é fruto deste Trabalho de Conclusão do Curso em Radialismo.

Para desenvolvê-lo, como metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, através das quais foram obtidos dados subjetivos, que são aqueles que se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados. As entrevistas foram feitas com cinco homens com idades entre 25 e 50 anos, de diferentes classes sociais, raças e crenças religiosas, sendo estes autores e condenados por crime de agressão domiciliar, presos no presídio Desembargador Flósculo de Nóbrega, mais conhecido como presídio do Roger, localizado na cidade de João Pessoa (PB), e homens que já passaram pelo grupo reflexivo Refletir, elaborado pelo Ministério Público da Paraíba, na cidade de João Pessoa (PB).

De acordo com Veras, Costa e Castro (2013), a violência doméstica é um fenômeno que afeta particularmente mulheres, crianças, adolescentes e idosos, por serem estes os grupos mais suscetíveis às relações de poder. As causas e os efeitos da violência são complexos e diversificados. A violência contra as mulheres, tanto física, quanto psicológica, é motivada pelo desejo dos homens de dominá-las e exercer sobre elas o seu poder.

Violência para Stela Cavalcanti (2005) em seu uso mais comum de significado quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tirar a liberdade de escolher por conta própria, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar sua vontade, é deixá-la com receio de ser

espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter ao outro seu domínio, é uma forma de violação dos direitos essenciais do ser humano.

Nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, segundo pesquisa divulgada em 2019 pelo (Fórum Brasileiro de Segurança Pública)¹, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor: entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. A pesquisa mostra que 16 milhões de brasileiras com 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência ao longo do ano de 2018.

Outro dado preocupante é que 76,4% das mulheres indicaram que o agressor era um conhecido, de acordo com a mesma pesquisa. Dentre os vínculos mais citados destaca-se namorado/cônjuge/companheiro como o principal perpetrador, com 23,8% dos casos, vizinhos com 21,1% e ex-namorados e ex-companheiros com 15,2%.

Muitas mulheres continuam sendo vítimas de violência dentro de casa, e apenas 10% relatam ter buscado uma delegacia da mulher após o episódio mais grave de violência sofrida no último ano. Infelizmente 52% das mulheres alegam não ter denunciado o agressor nem procurado ajuda, mesmo percentual da pesquisa realizada dois anos antes, na evidência do desafio posto para a proteção das mulheres em situação de violência.

Os dados apresentados neste relatório indicam que a violência é uma variável presente no cotidiano das mulheres brasileiras e que superá-la envolve o acolhimento da vítima, o acesso à justiça, a punição do agressor, mas também estratégias de prevenção que trabalhem a origem de todas essas diferentes manifestações de violência. Uma delas são os grupos reflexivos que de acordo com o Art. 35 da Lei Maria da Penha, a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios poderão criar e promover, no limite das respectivas competências, programas e campanhas de enfrentamento da violência doméstica e familiar, centros de educação e reabilitação para os agressores. Desde 2006 a Lei Maria da Penha prevê a reabilitação de homens autores de violência através de grupos reflexivos sobre o tema. Os resultados com os homens que participam dessas reuniões são positivos. Quando um homem que já agrediu alguma mulher passa por essa experiência, a taxa de reincidência cai de 75% para 5% (Beiras, 2014)².

¹ Disponível em: < <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> > Acessado em: 19 de julho de 2019.

² Disponível em: < http://noos.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Relatorio-Mapeamento-SHAV_site.pdf > Acessado em: 30 de julho de 2019.

Porém, apesar da necessidade de mais investimentos, apresentada por tantos dados e pesquisas, na atual gestão federal do governo brasileiro vêm sendo feitos cortes em programas que buscam prevenir a violência contra a mulher e minorias. O Comitê de Gênero Janaína Romão e o de Diversidade e Inclusão foram extintos. Estes comitês tinham como principal objetivo promover ações visando a prevenção da violência de gênero. Recentemente, um levantamento divulgado pela Agência Pública (Portal da Transparência, 2019)³ mostrou que deveriam ter sido investidos cerca de R\$ 13 milhões para a construção da Casa da Mulher Brasileira, uma das principais iniciativas do Governo Federal para o enfrentamento da violência contra a mulher no Brasil. A Casa da Mulher Brasileira faz parte de um programa lançado por decreto em 2013 pela então presidenta Dilma Rousseff, com o nome de “Mulher: Viver Sem Violência”. O objetivo era expandir a rede de serviços voltados para as mulheres vítimas de violência e promover a integração entre eles, através de ações para além da implementação das casas, como a ampliação da central telefônica, do *Ligue 180* e de campanhas de conscientização sobre a temática.

Concomitantemente, vemos que vem sendo fortemente questionado e debatido o verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, onde se é compreendido que este homem seja mais emotivo, sensível, equitativo e ao mesmo tempo ainda cobra-se que ele siga forte, viril, potente e que seja capaz de alcançar sucesso como provedor financeiro. Essa dualidade está levando o que vem sendo estabelecido como identidade de gênero masculino a situações cada vez mais complexas e em vias de desconstrução. É visível que se torna impossível lidarmos com essas questões sem espaços dedicados às transformações dos homens. Se desejarmos que os padrões nocivos de masculinidades sejam desfeitos, será necessário criarmos meios para que isso aconteça. De nada nos servem todos os inúmeros locais que apenas reforçam os problemas dos homens. Deve e tem que haver medidas que façam com que estes homens consigam reconfigurar algumas concepções atribuídas a eles desde a infância.

A ordem “funciona” como se os corpos carregassem uma essência desde o nascimento, como se corpos sexuais se constituíssem numa espécie de superfície pré-existente, anterior à cultura. Onde encontrar, contudo, esse corpo pré-cultural ? Como acessá-lo ? Na tela do aparelho de ecografia que nos mostra os primeiros momentos da vida de um feto, teríamos, afinal, um corpo ainda não nomeado pela cultura ? A resposta terá de ser negativa. Não há corpo que não, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias. (LOURO, 2004, p.81)

Diante de tais reflexões, este trabalho tem como objetivo analisar e tentar compreender a atual crise da masculinidade. Além de ajudar a transformá-la positivamente. Para isso, nosso

³ Disponível em: < <http://www.portaltransparencia.gov.br/> > Acesso em: 20 de agosto de 2019

recorte se dá em relação às violências contra as mulheres que envolvem a compreensão da performatividade do que seria "ser homem". Mais especificamente abordamos tal questão através da realização de um documentário que se deu por intermédio de entrevistas com homens condenados pela Lei Maria da Penha, em presídios paraibanos, fazendo assim com que tais entrevistados se pensem enquanto seres inseridos em um padrão de construção e reprodução patriarcal, acarretando em um perfil violento de masculinidades, e na produção de subjetividades engessadas e sofridas, nas quais:

As normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, tem poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros [...] (LOURO, 2004, p. 44)

Foram e estão sendo feitas medidas positivas que ajudam a quebrar o ciclo reprodutivo dessas masculinidades tóxica através de alguns documentários, que nos serviram de referência, como, *Precisamos falar com os homens* (2016), *A máscara em que você vive (The mask you live in)* (2016), *Câmara de espelhos* (2016) e mais recentemente *O Silêncio dos Homens* (2019), que mostram diferentes abordagens das reproduções de masculinidades e os supostos papéis de gênero que são atribuídos a essa masculinidade e da importância de dialogar e refletir sobre ela. Sites como o *Papo de Homem*⁴ com temas múltiplos referentes ao universo masculino, também são reconhecidos enquanto referências de ações importantes. A elaboração de institutos como o NOOS, *Papai* e *Pró-Mundo*, que trabalham com situações de violência doméstica e de gênero e como ressignificar e reconstruir essa masculinidade a partir do tema. *Podcast*, como o *Mamilos*, nos episódios: *Homem Pai e Masculinidades* e *Sentimentos*. Reportagem que mostram grupos reflexivos sobre os papéis da masculinidade e do homem na sociedade, a importância de se começar a educar os meninos desde crianças, a respeitar as meninas, a não associar brincadeiras, cores, atividades como de meninos ou de meninas, as novas atribuições aos papéis dos pais, entre outras iniciativas midiáticas, têm sido fundamentais na construção de novos comportamentos de gênero. Estas são algumas das medidas que lutam pela igualdade de gênero e sexualidade e que vêm constantemente denunciando e colocando abaixo a lógica patriarcal, tão violenta.

Portanto, o trabalho aqui apresentado, foi desenvolvido a partir dessas discussões sobre o papel político e social da representação identitária do que é ser homem na contemporaneidade, juntamente com um incômodo pessoal meu, enquanto autor e, enquanto homem cis e heterossexual, corpo-símbolo da violência (perfil no qual mais se encaixam os agressores), que

⁴ Site disponível em: < <https://papodehomem.com.br/> . Acessado em: 13 de junho de 2019.

tenta se compreender e se refazer no mundo. Fiz este filme, visando a tentar dar mais visibilidade para a temática tangente e sua relevância, tanto em âmbito pessoal, para atingir os homens que querem tentar compreender porque é reprodutor e executa determinadas atitudes, como em âmbito social, tentando causar uma possível fissura nessa “bolha” reprodutiva da masculinidade tóxica que aflige em inúmeras proporções, tanto mulheres quanto homens. Foi com o propósito de desenvolver mais uma ação positiva dentro desse movimento, que trabalhei na compreensão, reflexão e transformação dessas masculinidades tóxicas e violentas.

2 QUESTÕES DE GÊNERO

2.1 CONCEITOS E ABORDAGENS SOBRE GÊNERO

Neste trabalho conceituaremos gênero como a construção social das masculinidades e feminilidades, como um sistema de representações atravessado por relações de poder e hierarquia entre homens e mulheres, que organizam as práticas sociais e a estrutura de fatores psicológicos envolvendo e definindo, assim, padrões comportamentais para eles e elas (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009).

Gênero também pode ser entendido como o estudo das relações entre homens e mulheres na sociedade, de modo que seja possível reconhecer a partir de estudos e da realidade, uma assimetria nas relações entre homens e mulheres, relações essas impostas, criando uma categoria social baseada nas diferenças existentes entre os sexos, ou seja, a partir de algo natural, constrói-se uma cultura rígida, binária e bipolar entre e para os sexos (BUTLER, 2018).

Segundo Scott (1988, p. 197), “o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder, caracterizando-se pela dominação e exploração” dos homens sobre as mulheres. O filósofo Michel Foucault (2012), diz que onde há relações sociais, há relação de poder e que esse poder, no entanto, não é necessariamente ruim ou mau, como comumente se pensa quando tratamos desse termo. Butler diz que (2018, p. 215) “o poder não pode ser retirado nem recusado, mas somente deslocado”. Logo, ele deve circular entre os polos de maneira saudável, mantendo-se dinâmico e em movimento. Pode ocorrer, no entanto, que esse poder se concentre em um dos lados, o masculino; e é exatamente o que ocorre em toda a sociedade denominada patriarcal, sendo exercido de maneira violenta e massacrante para o outro, o feminino, gerando, no caso que tratamos aqui, o poder de gênero, o que se denomina dominação masculina de acordo com Bourdieu (1999).

Para a filósofa Judith Butler (2018, p. 40):

Em primeiro lugar, devemos questionar as relações de poder que condicionam e limitam as possibilidades dialógicas. De outro modo, o modelo dialógico corre o risco de degenerar num liberalismo que pressupõe que os diversos agentes dos discursos ocupem iguais posições de poder e falam apoiados nas mesmas pressuposições sobre o que constitui, "acordo" e "unidade", que seriam certamente os objetivos a serem perseguidos.

Butler (2018), analisa que o sistema político que deveria auxiliar na emancipação dos sujeitos de gênero, já naturaliza os sujeitos masculinos como norma, sendo assim, não normatizando os sujeitos desviantes. Ela também ressalta que o sistema de poder que auxilia na

busca pela emancipação dos sujeitos de gênero é o mesmo que os reprime. Então, torna-se impossível separar a noção de “gênero” dos contextos políticos e culturais que os mantém e os produz, e ao mesmo tempo, os pune.

Para Butler (2018), quando separamos as noções básicas de gênero e sexo, estaremos separando, invariavelmente, os contextos que distinguem as noções de que homem e masculino, tanto podem representar um corpo fêmea como um corpo macho, e que mulher e feminino, tanto um corpo macho como um corpo fêmea.

Beauvoir, [...] queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural, e que ninguém nasce com um gênero - o gênero é sempre adquirido. Por outro lado, Beauvoir desejava afirmar que a pessoa nasce com um sexo, como um sexo, sexuado, e que ser sexuado e ser humano são condições coextensivas e simultâneas; o sexo é um atributo analítico do humano; não há ser humano que não seja sexuado; como atributo necessário, o sexo qualifica o ser humano. Mas o sexo não causa o gênero; e o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo; aliás, para Beauvoir, o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido, e ao passo que o sexo não pode ser mudado – ou assim pensava ela –, o gênero é a construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados pelo corpo sexuado. [...] se o sexo e o gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero; em outras palavras, a categoria de “mulher” não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e “homem” não precisa interpretar os corpos masculinos. (BUTLER, 2018, p.194)

Logo, tais contextos não poderão ser entendidos e separados sem que haja essa interdisciplinaridade correlacional, tornando assim o conceito de gênero um artifício flutuante de identificação.

Butler (2018) contextualiza que algumas teóricas afirmam que o gênero faz parte de um conjunto de relações e não um atributo individual, já outras, em concordância com as reflexões de Beauvoir, interpretam o gênero como sendo apenas identificado e caracterizado pelo feminino, já que o gênero masculino se funde com uma pessoalidade universal, tornando o gênero feminino o oposto do masculino, portanto, um gênero não marcado, apenas qualificado como o Outro. Para ela, a diferença sexual não é um binarismo simples que é contextualizado pela criação de uma cultura que desenvolveu a representação do “sujeito” masculino por uma construção fictícia de um sujeito, que pela lei, é proibido de ter relações homoafetivas. Mas, a relação com um “sujeito” feminino que nunca é a marca da identificação, que passou a ser o “atributo” de um outro gênero, o masculino, sendo marcado pela falta. Consequentemente, passando a ser um conjunto de regras diferenciais que acarretou na criação da diferença sexual.

O conceito de gênero foi desenvolvido pelo movimento feminista buscando a transformação e a derrubada da ordem/norma estabelecida, relacionando-o com questões políticas e sociais amplas, visando mostrar a normatividade inerente às relações de gênero,

denunciando como inúmeras categorias do pensamento ocidental moderno pautam-se em valores masculinos e heterossexuais que se estabeleceram como naturais.

As construções foram estabelecidas através de normas reguladoras, a partir das quais os corpos são submetidos, naturalmente, como heterossexuais e que “[...] para que a heterossexualidade permaneça intata como forma social distinta, ela *exige* uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente inteligível.” (BUTLER, 2018, p 139). Fazendo com que sujeitos que não se enquadram nessa norma sejam colocados à margem.

Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos “abjetos” - aqueles que escapam da norma. (LOURO, 2004, p. 44)

Diante disso, a sociedade já não pode mais ser representada por identificações binárias de gênero e sexo, pois tais contextos se multiplicaram, tornando impossível lidarmos com eles apoiados em esquemas binários, e que, de acordo com Louro (2004) um dos grandes desafios sociais não é apenas lidar com essas pluralidades e admitir que as fronteiras da significação estão sendo atravessadas, mas que os lugares políticos e sociais que esses sujeitos plurais habitam são exatamente essas fronteiras. Logo, se faz necessário lidar com essa disparidade e reorganizar essa estrutura desigual.

Para a autora, o filósofo Derrida afirma que a lógica ocidental opera, tradicionalmente e culturalmente, por uma representação binária, onde esse pensamento decide e estabelece essa ideia de que existe um sujeito fundante ou central, logo, determinando o seu oposto como um “outro”, secundário, tornando e fazendo compreender o termo inicial como um sujeito superior, enquanto que o outro, o seu inferior. Portanto, é a partir dessa diferenciação que relações de poder são estabelecidas e impostas na sociedade, mas ao se identificar essa dislexia social, se deve operar uma desconstrução da cultura imposta. Consequentemente, ao determinar a desconstrução como procedimento metodológico está se indicando um modo de questionar ou de analisar e está se apostando que esse modo de análise pode ser útil para desestabilizar binarismos linguísticos e conceituais ainda que se trate de binarismos tão sólidos como a identificação: homem/mulher, masculinidade/feminilidade (Louro, 2004).

Louro (2004) considera que para pormos em reflexão essa desconstrução, devemos estar atentos ao que é representado como intolerável, pois, intolerável seria o que a maioria qualifica como não fazendo parte da norma, norma esta que é estabelecida por uma ordem que identifica que os corpos carregam uma construção “natural” do ser, como se os corpos se constituíssem

numa superfície pré-existente, antes da cultura. Portanto, determinar alguém como homem ou mulher, como um sujeito de gênero e sexualidade, significa, delimitá-lo perante as atribuições que são impostas por uma cultura, onde serão imputados direitos e deveres, privilégios e desvantagens.

Mulheres e homossexuais buscaram definir, assim, nos mais diversos espaços; público e privado, na política, na economia e principalmente nas abordagens associadas à sexualidade, se organizar e se unir para combater a discriminação que sofriam e sofrem, propondo outras formas de mentalidades, de comportamentos, outras abordagens para as relações entre os sexos, tentando questionar sobretudo a masculinidade hegemônica; branca, heterossexual e “dominante” (ARILHA, MEDRADO e RIDENTI, 1998, p. 17).

A teoria feminista tem ganhado espaço, e sua credibilidade é indiscutível: filósofas, sociólogas e autoras oriundas de formações diversas (Butler, 2018; Haraway, 1995, Louro, 2004; Ribeiro, 2017; Scott, 1986; Spivak, 2010) buscaram analisar o gênero como uma categoria que relaciona questões sociais e de poder que estavam apenas relacionado ao saber científico, mas hoje, mais do que nunca se vê as contribuições de sujeitos colocados à margem, antes sem voz, mas hoje contribuindo para tais significações. Este movimento foi tão intenso que hoje o que começou com o movimento feminista se amplia entrelaçado aos *gender studies*, e a outros movimentos sociais emergentes que promoveram também uma transformação social e de gênero e sexualidade conseqüentemente, gerando em paralelo a necessidade dos homens discutirem as questões da masculinidade.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA CONCEPÇÃO DAS MASCULINIDADES

Os movimentos feministas, através de suas conquistas, provocaram para que os homens fossem levados a refletir sobre as relações sociais e a masculinidade. Robert Connell (1995), concebe a masculinidade como sendo uma posição nas relações de gênero; as práticas pelas quais os homens e as mulheres ocupam esse lugar no gênero e os efeitos dessas práticas na experiência físicas, pessoais e culturais. A representação da identidade masculina sempre esteve associada à heterossexualidade, ao “fato de possuir, tomar, penetrar, determinar e se afirmar, se necessário pela força” (BADINTER, 1993). Logo, jamais ser vinculado a características como: chorar, demonstrar sentimentos, ser homossexual, fraco, passivo nas relações sexuais etc. Essas dualidades de características colocadas em questão com relação às masculinidades geraram, então, uma crise da identidade dessa masculinidade.

Segundo Costa (1992, p. 22), a identidade é formulada por sistemas de representações diversas, e corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao seu universo sociocultural. O conflito identitário se dá quando o processo ou desempenho identificatórios são atravancados por contradições, internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio de normalidade. Portanto, mesmo identificando que há uma possibilidade teórica da pluralização de identidades não se pode fazer esquecer, nem as “questões de poder e autoridade estruturais”, que são reservados e organizados pelo patriarcado, nem porque “os genitais continuam a ser o foco da imaginação sexual”, fazendo com que ainda sejamos codificados por tais contextos, nem, por último, a determinação histórica e a estruturação ideológica que estão na base da criação da subjetividade, onde a subjetividade é formada através da crença e valores do indivíduo (COSTA, 1992).

Percebemos então que a crise da masculinidade advém dessa crise identitária e das discussões sobre os papéis sociais, relacionais e culturais estabelecidos pelo patriarcado que foram sendo debatidos pelos movimentos feministas. Essas discussões levaram alguns homens a refletirem sobre o modelo imposto e aos quais são vinculados desde a infância. Deve-se também dar importante visibilidade, dentro dessas discussões, às diferentes abordagens de sexualidades, com uma maior visibilidade da homossexualidade e bissexualidade entre os homens, e como também às travestis e *drag-queens*, que contribuem nas constituições subjetivas dessas identidades fora da norma.

Foi a partir dessas discussões que começaram a surgir movimentos de questionamento das masculinidades – ainda que em proporção pequena se compararmos com as campanhas políticas dos grupos LGBTQI+⁵ e aos grupos feministas – com a criação de grupos que debatam e reflitam sobre novas possibilidades de masculinidades, que tenham como propósito somar no combate à masculinidade violenta, dita “tóxica”, e em prol de uma reconfiguração dos papéis patriarcais.

As reflexões sobre as masculinidades trouxeram para o campo dos estudos a produção literária dos *men's studies*, que inicialmente foi sendo discutida nos países desenvolvidos, mas não tão tardiamente foi e vem sendo discutida também em diversas regiões do mundo. Sobre *men's studies*:

Entendemos por literatura masculinista a produção literária dos *men's studies*, ou seja, aquela que desconstruiu uma identidade masculina baseada nos ideais

⁵ De acordo com o Manual de Comunicação, a sigla LGBTQI+ significa: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. O símbolo + diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

de masculinidades oitocentistas, tradicional, e que viu na pluralidade do gênero uma espécie de “feminilização” do masculino. A literatura masculinista ressalta, querendo ou não, uma espécie de essência identitária comum a todos os homens, não só biológica, como também sexual e comportamental, criticando o modelo tradicional de masculinidade e admitindo, como verdade única, a essência, pluralista dos gêneros. (SILVA, 2006, p. 118)

A inconformidade discutida por parte de alguns homens é que vai direcionar a discussão sobre essa crise de uma masculinidade única, opressora e dominante que pode ser entendida e refletida como um estado de insatisfação psíquica e um estado de desprazer (SILVA, 2006).

A partir de então, passou-se a observar alguns sinais dessa crise, como a criação de clubes de recuperação da masculinidade (dentre estes, os grupos de reflexão para detentos de casos de agressão doméstica) e grupos de discussão e de psicoterapia constituídos exclusivamente por homens, em busca de novas possibilidades de masculinidade e reconfigurando assim, as formas de lidar com ela.

As relações de gênero são históricas, portanto, estão sujeitas as mudanças. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica passa a existir em circunstâncias específicas, mas precisamente pode existir uma luta por hegemonia, e formas anteriores de masculinidades podem ser substituídas por novas formas. Talvez possa ser possível que maneiras mais humanas de ser homem, menos opressivas, menos danosas a todos possam desconstruir a hegemonia violenta.

2.3 O LUGAR DE FALA NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO

Dentro dos privilégios dados aos homens pelo sistema patriarcal, muitos de nós brancos, cis e héteros, acabam, em seu lugar de conforto, participando pouco, se compararmos com o engajamento de grupos socialmente oprimidos, na construção de políticas e ações sociais, culturais e educativas, quando se trata de questões de gênero. Os homens também podem e devem, entre nós, pensar criticamente sobre as relações sociais de gênero e fazer proposições que tragam benefícios a todos e todas.

Tomando como discussão a desigualdade de gênero e o combate a ela, há de se fazer uma necessária reflexão de que ponto se deve partir, qual a sua posição na sociedade, para então intervir nela, sem ocupar ou silenciar a voz, ou discurso de outras pessoas, fazendo assim que sua voz, seu lugar de fala, tenha legitimidade e respeito para com os demais.

Para a pesquisadora Rosane Borges (2017, sp), lugar de fala “é a posição de onde olho para o mundo para então intervir nele”. Portanto, para que os homens possam aderir a luta pela igualdade de gênero, discutida e refletida pelo movimento feminista, nós devemos refletir de

que ponto partimos socialmente, qual o nosso lugar enquanto ser na sociedade, quais as relações que a masculinidade hegemônica tem que contribuem para que haja essa disparidade, para então apoiarmos o movimento de combate à desigualdade de gênero, refletindo e discutindo nossas próprias particularidades da masculinidades. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em relação ao *locus* social, no caso em questão, os homens, consigamos enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados, as mulheres (RIBEIRO, 2017, p. 68). Ainda trazendo uma reflexão da pesquisadora Djamila Ribeiro, a mesma diz:

[...] por mais que pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infligem a outros grupos. O que estamos questionando é a legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder. (RIBEIRO, 2017, pag. 68)

Para Ribeiro (2017) o ato de falar não se restringe a apenas emitir palavras, mas de poder existir. Deve-se pensar lugar de fala como um contestar da historiografia tradicional e da hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social. Na prática, o conceito tem como reflexão auxiliar as pessoas a compreenderem melhor que o que falamos tem relação direta com as questões de poder e reproduz, mesmo que sem intenção, machismo, racismo, lgbtfobia, e que esses tipos de intolerâncias estão associados diretamente com as questões das desigualdades sociais.

Lugar de fala é sobre contextualização da fala, sobre análise de ponto de vista. Ninguém está proibido de falar, só se pede que haja consciência e respeito do lugar social de onde se fala. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso cada vez mais que homens brancos cis e héteros, que são os maiores reprodutores de violências, estudem branquitude, cisgeneridade, masculinidades (RIBEIRO, 2017, p. 84). Sendo assim, por mais que os homens se engajem na luta pela desigualdade de gênero, eles não estarão deixando de pertencer ao grupo que se beneficia com essa dislexia social, estruturalmente falando, mas é a partir desse posicionamento que a hegemonia estrutural de gênero vai ganhar um aliado para o combate a ela, quebrando assim esse ciclo reprodutivo que gera inúmeros malefícios a todos a partir da conscientização dos principais atores de violências.

3 DOCUMENTÁRIO

3.1 COMPREENDENDO A ESTRUTURA DE UM DOCUMENTÁRIO

Documentário é um termo de difícil definição no campo da relação entre o Cinema e a História. Vários teóricos e autores, tentaram, ao longo dos anos se debruçar e esclarecer a definição do termo, mas até os dias atuais esse debate não resultou em um consenso. Neste sentido, Ramos (2008) afirma que por muito tempo, documentário foi identificado marcadamente pela presença de uma voz *over* (*off*, locução), que narrava e ia conduzindo o espectador, como uma consciência que tudo sabia sobre o que estava sendo exibido.

Os filmes documentais com o passar dos anos ganharam outras características marcantes, como a atuação direta do diretor na hora da filmagem, inclusão de entrevistas e depoimentos, com captação de som direto, e imagens relacionadas ao tema, que serão características inseridas e presentes no documentário em questão, o curta-metragem *E agora, José ?*.

E de acordo com Ramos (2008, p. 22) há determinantemente uma significação adotada por ele, onde o mesmo diz que:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.

Já para Nichols (2012, p.47), “a definição de documentário é sempre relativa ou comparativa”. Portanto, pode ser atrelada ao termo documentário uma produção fílmica ficcional, experimental ou vanguardista. No entanto, este termo de múltiplos conceitos e abordagens não seria uma reprodução da realidade, mas sim uma representação de mundo próxima da realidade que vivemos. Segundo o autor, certas características ajudam a identificar o formato documentário; como a utilização da voz *off*, entrevistas, a participação de personagens sociais (pessoas comuns) no seu dia a dia, gravação de som direto; tais propriedades marcam este gênero.

Nichols (2012, p. 62-63) traz em seu livro algumas modalidades utilizadas no formato documental, e entre elas estão:

o modo poético, que enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal; o modo expositivo, que enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa; o modo observativo, que enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta; o modo participativo, que enfatiza a interação cineasta e tema; o modo reflexivo, que chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário; e o modo performático, que enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento.

Como podemos perceber, há muitas associações entre um produto ficcional e documental, podendo ter procedimentos semelhantes entre si, trazendo assim uma certa confusão na definição de documentário. Portanto, é de suma importância dizer que uma das identificações mais importantes no documentário, está na intenção do autor. Sendo assim, o documentário em questão neste relatório tem como objetivo mostrar por intermédio dos relatos dos autores de crimes de agressão doméstica o seu entendimento acerca das relações de gênero, pessoais e familiares e questões voltadas à masculinidade. Então, para Dias (2009) por mais que a ficção possa utilizar elementos da narrativa documentária (como a locução), ficção e documentário se diferenciam e, segundo Ramos (2008), porque a intenção do autor de uma ficção é a de entreter o espectador, causando ou não alguma reflexão acerca do assunto abordado, ao passo que a intenção do autor de um documentário é a de fazer asserções sobre o mundo, ou seja, marcar posição frente a uma questão e não apenas entreter o espectador.

As características desse gênero justificam a diversidade de modos de preparação e condução do filme documentário; a cada novo projeto de um filme, o documentarista é obrigado a se deparar com particularidades advindas do universo de abordagem escolhido, que o faz rever seus métodos de organização da produção. Ao contrário do que possa parecer, a ampliação do campo das possibilidades na forma de condução do projeto documental acentua o caráter autoral do gênero manifestado nas escolhas e no compromisso com abordagens distintas que refletem uma forma de pensar o mundo por parte do cineasta.

4 E AGORA, JOSÉ ?

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

4.1.1 *Da temática à ideia elaborada*

Semestre passado, quando me matriculei em TCC I, não sabia qual seria a temática do meu Trabalho de Conclusão de Curso e se ele seria uma monografia ou produto. Ao me deparar com esta problemática comecei a pensar o que me incomodava e o que eu buscava trabalhar enquanto temática tangente às questões que eu acredito e busco lutar enquanto cidadão. Desde então comecei a pensar nas minhas questões pessoais e como a minha masculinidade é reproduzida na sociedade, foi a partir desse gatilho que eu comecei a ler assuntos relacionados e isso me direcionou ao site Papo de Homem, que eu já conhecia, mas fazia muito tempo que eu não visitava.

Ao visitar a página principal do site, me deparei com a elaboração de um documentário que eles elaboraram em parceria com inúmeras instituições voltadas para a temática da masculinidade e a importância de se discutir e refletir sobre ela. Essa parceria também estava sendo feita com a ONU Mulheres e o início do desenvolvimento de um programa chamado HeForShe (ElesPorElas), onde seriam elaboradas medidas para o combate da masculinidade tóxica, logo, do machismo, e foi daí que eu quis fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre o movimento HeForShe (ElesPorElas) aqui no Brasil.

Ao especificar a minha proposta, descubro que a UFPB é uma das parceiras do movimento e começo a pesquisar sobre essa parceria. Estabeleço que irei começar a desenvolver um projeto que falasse dessa parceria e o que estava sendo desenvolvido dentro da instituição. A partir dessas pesquisas e meu interesse em elaborar um documentário, começo a pensar em quem poderia me guiar e ser meu/minha orientador(a) e me ajudar a elaborar o meu documentário. Logo me vem em mente Bella Valle. Após terminar de escrever o meu pré-projeto, envio para ela e pergunto se ela gostaria de ser a minha orientadora. Em sua resposta, ela aceita e faz algumas análises sobre o meu tema e a elaboração de um documentário sobre ele. Foi a partir dessas questões que ela levantou que eu percebi, com a ajuda dela, que eu não estava prestes a elaborar um documentário e sim uma reportagem. Desde então eu começo a repensar melhor nessa temática e numa melhor forma de explorar o assunto.

Em uma das nossas reuniões, comento sobre uma cena que vi em um documentário (*The Mask You Live In*, 2016), onde homens que estavam presos falavam sobre seu entendimento sobre a masculinidade, seus sentimentos e a importância de debater sobre eles. Eu fiquei com essa cena na cabeça e comecei a pensar como eu poderia elaborar algo parecido. Como infelizmente, nos últimos meses o que estava sendo mais noticiado eram casos de feminicídio, eu pensei, porque não falar sobre homens autuados pela Lei Maria da Penha e pegar depoimentos sobre o entendimento deles com relação às questões das masculinidades, Bella adorou a minha abordagem e foi daí que tudo começou.

Lendo sobre a temática, descubro que uma das medidas retroativas para os julgados em casos da Lei Maria da Penha era participar de grupos que refletissem e discutissem sobre as masculinidades e as relações de gênero e que aqui na Paraíba estavam sendo elaboradas essas reuniões. Portanto, determino que quero registrar dois pontos de vista de relatos: um primeiro com homens condenados que ainda não passaram por alguma abordagem de discussão sobre os papéis masculinos na sociedade e outro com homens que passaram pelos grupos que discutem e abordam as relações da masculinidade. Sendo assim, vou em busca de mais informações e começo a conversar com algumas delegadas das delegacias da mulher de João Pessoa. Com a ajuda delas, entro em contato com a Promotoria da Mulher e consigo ir em uma reunião da Promotora Rosane Araújo no presídio do Roger com os presos em casos da Lei Maria da Penha. Para poder fazer as filmagens dentro do presídio preciso entrar com um processo na Secretaria de Ressocialização do Estado da Paraíba e enviar o meu projeto para que ele fosse avaliado e permitir assim a elaboração das filmagens. Após a solicitação converso com o diretor do Roger e marcamos os possíveis dias que eu poderia ir para fazer as entrevistas.

Em seguida consigo o contato da Promotora Elaine Alencar, uma das desenvolvedoras do grupo reflexivo Refletir elaborado em João Pessoa com homens julgados pela Lei Maria da Penha, ela me disponibiliza o contato de alguns dos homens que passaram pelo grupo reflexivo Refletir, elaborado pelo Ministério Público da Paraíba. Logo, delimitando os meus dois grupos de discussão sobre a temática.

4.1.2 Equipamentos e recursos necessários

Para conseguir fazer as gravações, é necessária a utilização de equipamentos de filmagens, e para consegui-los, fiz um pedido de empréstimo de equipamentos com o Departamento de Comunicação (Decom) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pela

instituição, consigo pegar uma câmera DSLR 7D da Canon, duas lentes, a 22-105mm e uma 50mm, dois cartões de memória e um tripé. Peço ajuda a um amigo meu, Wlad, que também é produtor audiovisual, e determino com ele que pretendo captar dois planos das entrevistas, um mais aberto, com a lente 22-105mm, e um mais fechado, com a 50mm, para tentar pegar mais de perto as nuances e expressões dos “personagens” do meu documentário.

Para o deslocamento, tanto para pegar os equipamentos, quanto para ir aos locais que irei gravar as filmagens com o meu companheiro de filmagem, utilizo o carro do meu pai, que foi extremamente compreensivo com os dias e horários que eu fazia a solicitação do automóvel dele. Na utilização do carro em questão, arco com os gastos de combustíveis, que nos dias em questão estava custando aproximadamente R\$: 4,39 centavos. Eu tive que me deslocar de Santa Rita, onde resido, até os locais de gravação, e foram cinco dias de gravação, dando em média R\$ 25,00 reais por dia, totalizando num custo médio de R\$: 125,00 reais.

4.2 PRODUÇÃO

Chamamos de produção o início das filmagens propriamente ditas, e que pressupõe que todos (ou pelo menos a grande maioria) dos itens de pré-produção já estejam resolvidos. Esta etapa do processo, é onde todos os procedimentos que irão fazer com que o documentário em questão comece a sair da ideia e passe a dar os primeiros passos em um processo de desenvolvimento. Tal descrição está de acordo com o cinema industrial (MELEIRO, 2007), onde uma hierarquia é estabelecida, mas sem tirar a importância do funcionamento da equipe no geral, fazendo com que cada membro se sinta confortável em dar sua opinião para que o desenvolvimento flua melhor, este método de trabalho em equipe se enquadra num “novo” modelo de organização de produção. Considero que o documentário em questão não se enquadra nestes termos por ser desenvolvido, praticamente, por uma única pessoa. Recorrendo ao auxílio de um companheiro de filmagem para obtenção de mais planos das entrevistas, mas fora nestas circunstâncias, todo o processo de desenvolvimento está sendo feito por apenas uma pessoa, o autor do documentário.

A seguir apresento um diário de bordo desta parte do processo de realização:

14 de julho de 2019 - Domingo - Segunda semana do mês de julho. Envio uma mensagem para Allan, um amigo que trabalha numa emissora de TV e explico da minha necessidade de conseguir falar com alguma delegada das delegacias da mulher de João Pessoa, ele consegue para mim alguns contatos. Envio mensagens para algumas delegadas e explico sobre a elaboração do meu projeto, que será sobre masculinidade e a minha vontade de abordar casos de homens envolvidos nos casos de agressão domiciliar e de gênero, autuados pela Lei Maria da Penha. A primeira a me responder é a delegada Josenice Francisco, que foi extremamente educada e solícita ao me dizer que eu poderia encontrar com ela pessoalmente na delegacia em que ela atua. Marcamos de nos encontrar no dia 17 de julho, uma terça-feira pela manhã.

17 de julho de 2019 - Terça-feira - Acordo logo cedo, tomo café e vou me encontrar com a delegada da delegacia da mulher, Dra. Josenice Francisco, na delegacia localizada na Av. Pedro II. Após terminar de atender uma ocorrência, a delegada pede para que eu suba a sua sala. Ao entrar, explico sobre a elaboração do meu documentário, ela me diz que existe um grupo de reflexivo, elaborado pelo Ministério Público que se reúnem com homens já julgados por agressão de gênero, e que me passaria o nome da delegada que poderia me ajudar a coletar mais informações. Neste mesmo dia entro em contato com a Dra. delegada Máisa que no final do dia

me responde dizendo que eu poderia encontrar com ela na delegacia central de João Pessoa (PB) no dia seguinte, então assim combinamos de conversar no outro dia.

18 de julho de 2019 - Quarta-feira - Tarde, 13h30, envio mensagem para a Dra. Maísa avisando-a que estarei indo para à Central de Polícias às 14h me encontrar com ela. Após ter visto a mensagem, ela me diz que não estará presente no local, mas pede para que eu vá conversar com a Dra. Renata. Sendo assim, me dirijo à Central de Polícia. Chego por volta das 14h10 e fico no aguardo da Dra. Renata me receber. Após alguns minutos, ela aparece na recepção e pede para eu acompanhá-la até a sala da Coordeam – setor da Delegacia da Mulher dentro da Central de Polícia. Me apresento, falo sobre o meu objetivo de elaborar um produto audiovisual, um documentário sobre masculinidades e que pretendo focar em homens infratores e acusados de agressão de gênero. Ela se diz muito feliz pela minha abordagem e que é de fundamental importância mais homens buscarem tratar e trabalhar com esta temática. Pergunto a Dra. Renata sobre a existência de um grupo reflexivo com homens condenados pela Lei Maria da Penha, ela me diz que existe um grupo criado pelo Ministério Público e que entraria em contato com uma pessoa responsável pela administração do grupo.

23 de julho de 2019 - Terça-feira – Vou à Promotoria da Mulher da Paraíba conversar com a Promotora Rosane Araújo. Ao chegar, aguardo alguns minutos e sou chamado à sala dela. Entro, me apresento e explico o motivo de querer falar com ela. Após me ouvir ela me chama para ir com ela no presídio do Roger no dia seguinte participar de uma reunião que ela guiará sobre a elaboração de um grupo reflexivo com os presos condenados pela Lei Maria da Penha do presídio em questão.

24 de julho de 2019 – Quarta-feira – Vou com a Promotora Rosane Araújo para a reunião. Quando chegamos, somos direcionados à sala do diretor do Roger, onde ele está participando de uma reunião com advogados da defensoria pública. Após o término da reunião, nos direcionamos para uma cela escola, que é onde alguns presos têm aulas. Nesta cela a Promotora e a sua equipe explicam que será feito a elaboração de um grupo reflexivo com eles. Enquanto ela vai explicando, eu converso com o diretor do Roger, que é chamado de “Selva” e explico da elaboração do meu documentário, ele diz que eu posso voltar no presídio e conversar com ele para poder fazer as gravações. Quando a reunião termina, agradeço o convite da Promotora e a disponibilidade do diretor do presídio em me ajudar.

30 de julho de 2019 - Terça-feira - Fui à Gerência do Sistema Penitenciária conversar com o gerente do setor para poder pedir permissão para que eu possa ir ao presídio do Roger conversar e filmar os presos condenados pela Lei Maria da Penha. Chegando lá, o secretário do Gerente pede para que eu vá à Gerência de Ressocialização para saber quais documentos precisarei levar

para ser aberto um processo de permissão para que eu possa elaborar meu documentário. Me direciono à Gerência de Ressocialização e, ao chegar lá, informo que pretendo elaborar um documentário com relatos pessoais dos presos de agressão doméstica. A secretária pede que eu leve vários documentos para que seja aberto um processo de análise, e que este tipo de processo dura em média cerca de duas semanas. Ao saber dessa informação fico desmotivado, pois, no atual cenário estou correndo contra o tempo para poder gravar o meu documentário, mesmo assim reúno toda documentação necessária para ser entregue. No fim da tarde, antes de sair do estágio, envio uma mensagem para “Selva”, o Diretor do Roger, para dizer que fui falar com o gerente da Gerência Penitenciária e que me pediram para entrar com um processo avaliativo para poder filmar o meu documentário, ele me diz que vai tentar ver o que pode fazer para me ajudar a conseguir adiantar as filmagens.

31 de julho de 2019 - Quarta-feira - Levo todos os documentos para a Gerência de Ressocialização e a secretária me informa que talvez na próxima segunda eu obtenha uma resposta, essa notícia me deixa mais otimista com a continuidade do processo de elaboração do documentário, na mesma hora passo a informação para Selva e ele imediatamente me pede que me dirija ao presídio do Roger no dia seguinte para que possamos alinhar o planejamento de filmagens.

01 de agosto de 2019 - Quinta-feira - Vou ao estágio pela manhã e às 14h me direciono ao presídio do Roger. Chegando lá, fico no aguardo do diretor do presídio e após uns 20 minutos ele chega. Entro no presídio com ele, aguardo na recepção e depois subo em direção a sala dele para conversarmos. Explico a situação, dizendo que teria pouco tempo para poder filmar e editar o meu documentário, ele me pede que eu vá já na próxima semana começar a filmar enquanto o processo de liberação está em andamento. Saio do presídio bastante entusiasmado com o suporte dado pelo diretor do presídio.

06 de agosto de 2019 - Terça-feira - Primeiro dia de gravação. Combinei com o professor João de Lima de pegar os equipamentos na Universidade às 11h30, depois que saísse do estágio, só que eu acabei não conseguindo ir ao estágio porque fiquei preso numa mobilização na BR 101 das 8h às 10h30, portanto, me dirigi direto para UFPB e fiquei esperando o professor João aparecer para poder pegar os equipamentos. Depois que eu peguei, fui almoçar e aguardei Wlad para podermos ir gravar no presídio do Roger, onde tinha marcado com o diretor que chegaria às 14h para gravar. Ao chegar, me dirijo para a sala do diretor Selva e espero ele liberar a cela para que eu possa começar a fazer as gravações. O diretor me informa que já tinha abordado os presos que poderiam ser os meus personagens para o documentário e que três detentos se voluntariaram para colaborar e participar do meu documentário. Me dirijo à cela e ao chegar lá,

os presos já estão ao meu aguardo, explico o meu objetivo e o que eu pretendo perguntar e peço que eles assinem a autorização de imagem e som para serem gravados, eles concordam e assinam. Após eu e Wlad termos montado o equipamento e conferido se tudo estava ok para iniciarmos a gravação, damos início. Começamos a gravação, tudo está saindo como previsto, consigo desenvolver todas as perguntas e todos os detentos colaboram e me respondem a todas as perguntas feitas. Após aproximadamente 1h e meia, terminamos, agradeço pela colaboração deles e eles se direcionam para a cela em que estão presos. Desmonto todo o equipamento e vou ao encontro do diretor Selva para agradecer toda o apoio dado e peço para retornar dois dias depois para pegar imagens de apoio para complementar os relatos dos presos. Fim do primeiro dia de gravação.

08 de agosto de 2019 – Quarta-feira – Retorno ao presídio do Roger para fazer as gravações das imagens apoio com Wlad. Peço orientações ao carcereiro que me acompanha para saber até onde poderei ir e o que posso ou não filmar. Ele me dá os direcionamentos do que eu posso filmar. Observo, juntamente com Wlad, e nós decidimos quais imagens registrar para dar suporte subjetivo e imagético as falas dos entrevistados e ao ambiente em que eles estão inseridos e mantidos.

12 de agosto de 2019 - Segunda-feira - Consigo o contato da Promotora Elaine Alencar, uma das desenvolvedoras do grupo reflexivo Refletir que foi desenvolvido pelo Ministério Público da Paraíba. Consegui marcar de ir conversar com ela pessoalmente para falarmos sobre o meu projeto, a mesma disse que iria estar na Promotoria daqui de João Pessoa, no centro da cidade. Agendamos ao meio-dia. Após sair do estágio me dirigi ao MP. Chegando lá, peço para falar com a Promotora e sou direcionado a sua sala. Entro, me apresento e começo a explicar sobre o desenvolvimento do meu projeto, ela demonstra estar muito feliz com a minha proposta e diz que irá entrar em contato com alguns dos homens que passaram pelo Grupo de Reflexão Refletir, ela também me mostra algumas reportagens que fizeram sobre o grupo e que iria me enviar estas reportagens caso eu precisasse tirar algumas imagens para incluir no meu documentário. No mesmo dia, à tarde, ela manda os contatos deles. Entro em contato com eles e marcamos os dias que estarão disponíveis para gravarem.

21 de agosto de 2019 – Quarta-feira – Manhã, 10h. Ligo para Rodrigo, um dos homens indicados pela Promotora Elaine Alencar e que passou pelo grupo reflexivo Refletir promovido pelo Ministério Público da Paraíba, ele atende e combinamos de nos encontrar no Espaço Cultural, que é próximo de onde ele trabalha, para realizarmos nossa entrevista. Às 12h combino com Wlad de nos encontrarmos no Espaço Cultural às 13h. Às 13h15, Wlad chega e começamos a procurar um local que iremos fazer a gravação. Após terminar de montar ligo

novamente para Rodrigo e ele diz que já está no Espaço Cultural. Me apresento, explico como será realizada a entrevista. Verificamos se está tudo certo e começamos a gravar. A entrevista dura cerca de 20 minutos e sai tudo como esperado. Agradeço a aceitação e participação dele no meu projeto e desmontamos o equipamento. Fim de mais um dia de gravação.

22 de agosto de 2019 – Quinta-feira – Ligo para Osmar, o segundo contato passado pela Promotora Elaine Alencar e combinamos de gravar às 18h no prédio dele. Chegamos no horário marcado, eu e Wlad. Ligo pra ele e aviso que estamos na portaria, ele desce e eu explico o procedimento da entrevista. Montamos o equipamento e começamos a gravar, a gravação dura em média 30 minutos e depois que terminamos agradeço a sua participação.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Uma singularidade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, se dá ao fato de muitos documentários serem “resolvidos” em sua fase de pós-produção, que é o caso deste. Aqui a referência imediata recai mais sobre os filmes que se apegam ao estilo do documentário direto. Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar o diretor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor, que nesse filme também é o montador).

Nesta etapa, deixamos o campo de planejamento das filmagens para entrarmos no campo de planejamento da montagem, etapa distinta da primeira por trabalhar com a seleção de um material mais restrito, limitado a um arranjo de combinações dentro do universo das imagens já captadas para o filme. É neste momento que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme.

4.3.1 Roteiro

O roteiro é uma das partes principais da elaboração de um filme, se não a mais importante, é nessa etapa que todo o processo de estudo, pesquisa e ideia fundante entram em conflito e sintonia. Falar em roteiro agora só terá sentido na etapa de pós-produção do filme. O filme agora será resultado de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado, onde a elaboração do roteiro será guiada e direcionada pelo conteúdo das entrevistas dos homens em questão. Será a partir dos relatos expostos pelos entrevistados que a narrativa ganhará vida e mensagem.

Portanto, este documentário também é o resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas deste realizador. Essas escolhas orientaram uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcaram a apropriação do real por uma consciência subjetiva.

4.3.2 Edição

Após quatro dias de gravações, é hora de pegar o material bruto e começar a decupar os trechos mais importantes e iniciar a concatenação das entrevistas e montagem do documentário. Para esta tarefa será utilizado o *software* de edição, *Adobe Premiere Pro* instalado no meu *notebook* com sistema operacional *Windows 10*. Com as funções de corte e junção, as partes selecionadas vão se agrupando e formando uma trilha de imagens e sons que irão dialogar ao final dessa etapa formando o enredo e dando narrativa ao filme elaborado.

Esta etapa do processo requer muita atenção e dedicação, pois é necessário ver e rever todas as entrevistas, anotar e separar as informações que poderão ser usadas, para depois fazer a montagem delas. Foram necessárias mais de 15 horas para que esse processo fosse finalizado.

Para compor a montagem, utilizo uma trilha sonora do acervo da biblioteca de áudios do *YouTube*. Após ter concretizado estas etapas, coloco os nomes dos entrevistados e os créditos finais e finalizo o “primeiro corte” do meu filme.

4.3.3 Finalização

A etapa final e conclusiva é a finalização do filme, onde serão feitos ajustes na colorização, correção dos brancos e dos pretos, saturação, exposição, e a mixagem do som, que abarca a inserção da trilha sonora musical. Os ajustes na coloração se resumiram na uniformidade de tons dos planos obtidos. Já a mixagem foi feita através da inserção de uma trilha sonora para compor os momentos iniciais, de clímax nas falas dos entrevistados e no trecho final.

5 PALAVRAS FINAIS

Ao longo de toda a minha graduação, sempre vislumbrei concluí-la elaborando um Trabalho de Conclusão de Curso que tivesse um elo direto com a minha trajetória de vida. Trajetória essa marcada por mudanças de áreas de estudo, desconstrução de mundo enquanto homem hétero, ressignificação de algumas certezas pautadas numa reprodução do patriarcado que foi sendo estabelecido em mim desde a infância.

Portanto, quando tive a certeza de que iria abordar gênero e masculinidades no meu projeto, foi quando os meus desafios começaram. Estudar esta área de conhecimento que não só se pauta em âmbitos acadêmicos, que se apresenta em campos políticos e sociais do cotidiano, foi e está sendo um desafio enriquecedor e modificador para mim. Ao adentrar nas questões de gênero, fui percebendo que o mundo não pode mais ser naturalizado nos binarismos, que há pluralidades e individualidades que não podem permanecer à margem na sociedade. Que toda a construção baseada numa reprodução pautada no patriarcado, logo, na reprodução de uma masculinidade dita tóxica e do machismo, pode ser reconfigurada e ressignificada, passando a questionar tais reproduções e perceber os tipos de violências advindas dessas reproduções, para então não reproduzi-las.

Na elaboração do meu filme fui percebendo que, a partir dos relatos obtidos, nós homens, temos um papel fundamental na busca por uma sociedade mais justa, que mesmo nós sendo os perpetradores de formas variadas de violências, podemos desconstruir e transformar as concepções do que é ser homem e ajudar na busca por uma equidade social e foi através da realização desse curta-documentário que eu tentei contribuir nessa perspectiva.

Enquanto experiência audiovisual, adentrar em espaços privados de liberdade, mostrar um pouco da realidade vivida por quem está condicionado a permanecer numa prisão até que se cumpra a pena, foi algo que marcou a minha vida enquanto estudante e cidadão e realizador audiovisual. Obviamente não sou e nem serei mais o mesmo após ter vivido esta realidade.

Sendo assim, termino esse Trabalho de Conclusão de Curso com a certeza de que empreguei todos os meus conhecimentos adquiridos durante o processo de graduação no curso de Radialismo, implementando os ensinamentos obtidos pelos professores, profissionais e colegas de sala de aula que contribuíram para minha formação e na moldagem do profissional que tornarei.

Finalizo este trabalho com a certeza que é necessário, cada vez mais, nós homens, refletirmos e discutirmos, entre nós, sobre a masculinidade. Que passamos por processos de

construção desde a infância, que vai nos moldando e fazendo com que reproduzamos e naturalizamos certas atitudes que geram variados tipos de violências. Logo, precisamos compreender tais atitudes e desnaturalizá-las para que possamos interromper essas reproduções e reconstruir novas concepções de masculinidade, que tragam benefícios para todos e todas.

Também concluo, tendo em vista que meus estudos de gênero e masculinidades não se finalizarão apenas na elaboração deste filme, este será apenas a introdução para a elaboração de um longa com abordagens mais amplas e múltiplas, inserindo outros recortes sociais de masculinidades a serem explorados e quem sabe numa elaboração de um futuro projeto de Mestrado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesias**. 1a edição. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1942.

ANDRADE, F. C. B.; CARVALHO, M. E. P. de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual**: um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009.

ARILHA, M., RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque estrada. 2a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4a ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980b.

BEIRAS, Adriano. **Relatório Mapeamento de Serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro**. [S. l.], 2019. Disponível em: < http://noos.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Relatorio-Mapeamento-SHAV_site.pdf > Acessado em: 30 de julho de 2019.

BORGES, Rosane. **O que é "lugar de fala" e como ele é aplicado no debate público**. [S. l.], 16 jan. 2017. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico> > Acessado em: 18 de março de 2019.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16a ed. Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO, Maria Ildérica; COSTA, Jackeline; VERAS, Érica Verícia Canuto de Oliveira. Programa de Agressores Como Parte da Resposta Coordenada da Comunidade - A Experiência do Grupo Reflexivo de Homens do Ministério Público do Rio Grande do Norte. **Revista de Filosofia do Direito, do Estado e da Sociedade**., Natal - RN, 6 dez. 2013.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. A violência doméstica como violação dos direitos humanos. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 10, n. 901, 21 dez. 2005. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/7753> >. Acesso em: 30 jul. 2019.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Artigo publicado originalmente na revista *Gender & Society*, v. 19, n. 6. p. 829-859. Dezembro, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício**: Estudos Sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Durará, 1992. 196 p.

Dados do Relatório O poder Judiciário na Aplicação da Lei Maria da Penha - 2017, divulgado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Disponível em:

<

<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2017/10/ba9a59b474f22bbdbf7cd4f7e3829aa6.pdf>> Acesso em: 18 de julho de 2019.

DIAS, Rodrigo Francisco. **Em busca da definição**: Mas afinal... o que é mesmo documentário ? de Fernão Pessoa Ramos. Revista de História de Estudos Culturais, Uberlândia, v. 6, p.09-19, 01 abr. 2009.

DIAS, Tatiana; MOREIRA, Matheus. O que é “lugar de fala” e com ele é aplicado no debate público. Nexa Jornal, 19 jan. 2017. Disponível em:

< <http://goo.gl/KgMHZQ> >. Acesso em: 09 de março de 2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HARAWAY, Donna (1995). **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu: Situando diferenças, p. 7-41. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELEIRO, Alessandra. **Cinema no Mundo**: indústria, política e mercado. São Paulo: Escrituras Editora, 2007. 297 p. v. V.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus Editora, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac/SP, 2008.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. Guia para eficiência nos estudos. 13. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

SCOTT, Joan. *Gender and politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

SILVA, Sérgio Gomes da. **A Crise da Masculinidade**: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. 2006. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Câmara de Espelhos. Direção: Dea Ferraz. Brasil, 2016.

O Silêncio dos Homens. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Brasil, 2019.

Precisamos falar com os homens ? Uma Jornada Pela Igualdade de Gênero. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Brasil, 2016.

***The Mask You Live In* (A Máscara em que você vive).** Direção: Jennifer Siebel Newsom. 2015.